

## HISTÓRIA DAS HQ'S<sup>1</sup>

Comics é uma expressão de origem inglesa usada nos Estados Unidos para descrever qualquer história em quadrinhos, mas em países lusófonos é mais usada quando se refere a histórias norte-americanas e seu estilo característico de desenho.

Uma das formas de publicação dos comics são os comic book (conhecidos no Brasil como "gibis" ou "revistas de histórias em quadrinhos"), geralmente pequenas revistas que desde 1975 tiveram seu formato padronizado no tamanho 17 x 26 cm (chamados no Brasil de "formato americano" pois as dimensões das revistas mais populares nesse país eram menores, devido a isso chamadas de "formatinho"). No passado as revistas tinham dimensões maiores. Um comic book equivale a meio tabloide.

Os "comic book" ou revistas em quadrinhos começaram a circular por volta de 1934, com os Estados Unidos liderando as publicações. Outros países em que essas revistas alcançaram grande número de leitores foram o Reino Unido e o Japão (onde são conhecidos popularmente como mangás). No Brasil, os quadrinhos americanos obtiveram grande aceitação durante décadas, angariando grande número de leitores e influenciando os artistas do gênero no país.

As vendas das revistas em quadrinhos começaram a declinar nos Estados Unidos após o término da II Guerra Mundial, sofrendo a competição da televisão e a massificação da literatura popular. Nos anos 60, o público dos "comic books" se expandiu com a adesão dos universitários que estavam interessados no naturalismo representado pelos "super-heróis no mundo real", onda lançada por Stan Lee da Marvel Comics. Outro fenômeno popular dessa década foi os quadrinhos underground.

### **Primeiras revistas e a Era de Platina**

O desenvolvimento dos quadrinhos americanos deu-se por estágios. Editores lançaram coletâneas de tiras de quadrinhos produzidas desde 1833 em livros de capa dura. *The Adventures of Obadiah Oldbuck*, que apareceu em Nova Iorque em 1842, é o primeiro exemplo de publicação do gênero em inglês. A Companhia G. W. Dillingham publicou o primeiro "proto-comic-book" conhecido no Estados Unidos, *The Yellow Kid in McFadden's Flats*, em 1897. O material não era inédito – apareceu em tiras de 18 de outubro de 1896 a 10 de janeiro de 1897 numa sequência chamada de "*McFadden's Row of Flats*" – do cartunista Richard Felton Outcault do jornal Hogan's Alley. O protagonista

---

<sup>1</sup> Fonte: Wikipédia.

é um personagem chamado Yellow Kid ou "Menino Amarelo". Com 196 páginas em quadrinhos e publicação em preto e branco e um texto introdutório de E. W. Townsend. O neologismo em inglês "comic book" apareceu na segunda capa. Outras publicações se seguiram no país, como a primeira revista em quadrinhos colorida (*The Blackberries*, de 1901). As revistas começaram a circular mensalmente a partir de 1922.

### *The Funnies e Funnies on Parade*

Em 1929 a Dell Publishing (fundada por George T. Delacorte Jr.) publicou *The Funnies* ("Os divertidos"), descrita na Biblioteca do Congresso como um pequeno suplemento de jornal no formato tabloide. (Não confundir com a revista em quadrinhos do mesmo nome lançada pela Dell em 1936). *The Funnies* gerou 36 publicações, lançadas aos sábados até 16 de outubro de 1930.

Em 1933, o vendedor Maxwell Gaines, o gerente de vendas Harry I. Wildenberg e o proprietário George Janosik da companhia Eastern Color Printing de Waterbury, Connecticut – que dentre outras coisas haviam publicado sessões de tiras em quadrinhos dominicais – lançaram *Funnies on Parade* ("Desfile dos divertidos") como uma forma de manter as publicações em alta. Como *The Funnies* mas com apenas oito páginas numa revista inédita. Apesar do material original, contudo, foram republicados em cores sob a licença da McNaught Syndicate e do McClure Syndicate. As tiras incluíam os populares trabalhos dos cartunistas Al Smith (Mutt e Jeff), Ham Fisher (Joe Palooka) e Percy Crosby (Skippy). Não eram vendidas em bancas mas como promoções dos consumidores que colecionavam cupons nos produtos da Procter & Gamble. Foram impressas dez mil cópias. A promoção foi um sucesso e a Eastern Color produziu similares para a indústria de bebidas Canada Dry, Kinney Shoes (sapatos), Wheatena (cereais) e outros, chegando a casa de 100 000 a 250 000 exemplares.

### **Famous Funnies e New Fun**

Em 1933 Gaines e Wildenberg cooperaram com a Dell na publicação das 36 páginas de *Famous Funnies: A Carnival of Comics*, que os historiadores elegem como a primeira verdadeiramente revista em quadrinhos americana; Goulart, por exemplo, declara que essa foi um marco do lucrativo segmento da publicação de revistas. Porém, não se sabe se a revista era vendida ou distribuída gratuitamente pois não havia preço na capa.

A Eastern Color começou a publicar *Famous Funnies #1* (data da capa, julho de 1934), 68 páginas vendidas por 10 centavos, depois do fim da cooperação anterior com a Dell.

Vendida em bancas de jornais e, mesmo no período da "Depressão", a revista foi um sucesso e garantiu lucros para a Eastern Color. Famous Funnies teve 218 edições, inspirou imitadores e deu início a uma nova forma de mídia impressa em massa.

Com a diminuição na produção de tiras, as revistas em quadrinhos começaram a trazer material original, desenhados no mesmo formato. Era inevitável que uma revista com material totalmente inédito não tardasse a aparecer. Malcolm Wheeler-Nicholson fundou a National Allied Publications – o embrião da DC Comics – e lançou New Fun ou Divertidos Inéditos #1 (fevereiro de 1935). Lançado como tablóide, 36 páginas. Era uma antologia que misturava humor (os animais de "Pelion and Ossa" e o ambiente universitário de "Jigger and Ginger") com as histórias dramatizadas (como o faroeste "Jack Woods" e o "inimigo amarelo" nas aventuras de "Barry O'Neill", com um vilão no estilo de Fu Manchu chamado Fang Gow). A revista #6 (outubro de 1935) trouxe a estréia dos artistas Jerry Siegel e Joe Shuster, futuros criadores do Superman, que começaram a carreira com o mosqueteiro "Henri Duval" e, sob o pseudônimo de "Leger and Reuths", o lutador sobrenatural contra o crime chamado Doutor Oculto.

### **Super-heróis e Era de Ouro**

Em 1938, após o sócio de Wheeler-Nicholson Harry Donenfeld sair do negócio, o editor Vin Sullivan da National Allied trouxe uma criação de Siegel/Shuster para a capa (apesar da história ser secundária na revista) em Action Comics #1 (junho de 1938). Era o disfarçado herói alienígena, Superman, que vestia roupas coloridas e uma capa parecida com a de artistas de circo, e que viraria o arquétipo dos "super-heróis" que o seguiriam. A revista Action Comics se tornaria a revista em quadrinhos americana com o segundo maior número de exemplares, próximo de Four Color da Dell Comics que é a recordista com cerca de 860 publicações.

Os fãs chamam o período do final dos anos de 1930 até o final dos anos de 1940 de "Era de Ouro" dos quadrinhos americanos. Action Comics e Capitão Marvel venderam meio milhão de exemplares a cada mês e os quadrinhos se tornaram um meio de entretenimento popular barato durante a II Guerra Mundial.

Com o fim da Guerra, a popularidade dos super-heróis declinou rapidamente. Os editores começaram, por volta de 1945, a substituí-los por aventuras de humor juvenil (simbolizado em Archie Comics), animais como os de Walt Disney, ficção científica, faroeste, romance e paródias. Os super-heróis da Timely foram cancelados em 1950 com

os últimos números do Capitão América. Apenas os heróis da National (Superman, Batman e Mulher Maravilha) continuaram, mas estavam perto da extinção em 1952.

Os "comics" continuaram a ter altas vendas. A revista Walt Disney's Comics and Stories vendeu quase três milhões de exemplares mensais em 1953.

Os quase uma dúzia de títulos com animais da Dell vendiam um milhão de exemplares a cada mês enquanto os quadrinhos de horror da EC Comics, orientado para o público adulto, 400 000 mensais.

### **O Código dos Quadrinhos**

Entre o final dos anos de 1940 e início dos anos de 1950 os quadrinhos de Horror e Crime floresceram, principalmente pelo conteúdo violento e sanguinolento. A EC ("Educational Comics", depois chamada de "Entertaining Comics") de propriedade de Max Gaines, após sua morte passou para seu filho Bill Gaines e se tornou um grande sucesso comercial e trazia uma arte criativa. A carreira de muitos artistas famosos como Al Feldstein, Wallace Wood, Reed Crandall, Jack Davis, Will Elder e outros começaram nos escritórios da EC. Apesar da clara qualidade do trabalho, o psiquiatra Fredric Wertham acusou Gaines de publicar os quadrinhos mais infames do mercado.

O livro de Wertham chamado *Sedução do Inocente* (1954), considerou que havia perversões sádicas e homossexuais nas histórias de horror e de super-heróis. Depois, uma cruzada moralista culpou as revistas em quadrinhos pela delinquência juvenil nas classes mais baixas da população, além do uso de drogas e, em última instância, prática de crimes. Um subcomitê do Senado abordou as revistas em quadrinhos (abril-junho de 1954). Como resultado, escolas e grupos de pais queimaram as publicações e em algumas cidades, leis baniram as revistas em quadrinhos. A circulação dos produtos da indústria caiu drasticamente.

Com esses acontecimentos, muitos editores de quadrinhos, principalmente da National e Archie, compilaram o "Comics Code Authority" em 1954. O selo do código começou a aparecer nas revistas vendidas nas bancas. A EC concentrou sua publicação na revista satírica Mad.

### **Era de Prata dos Quadrinhos**

A Era de Prata dos Quadrinhos representou o período em que os super-heróis retornaram e dominaram as publicações de duas das maiores editoras dos quadrinhos americanas, a

Marvel e a DC. Em meados dos anos de 1950, seguindo a popularidade da série de TV *The Adventures of Superman*, os editores experimentaram o gênero dos super-heróis uma vez mais. A revista *Showcase #4* (National, 1956) reintroduziu o super-herói *The Flash* reformatado e começou uma segunda onda de popularidade do gênero que ficaria conhecida como Era de Prata. A National expandiu a linha de super-heróis durante os seis anos seguintes, introduzindo novas versões do Lanterna Verde, *Elektron*, *Gavião Negro* e outros.

Em 1961 o editor/escritor Stan Lee e o artista e co-roteirista Jack Kirby criaram o *Quarteto Fantástico* para a Marvel Comics. Essa revista iniciou uma onda naturalista na literatura dos super-heróis que foram humanizados, sentido medo e enfrentado demônios interiores, que tinham dificuldades tais como falta de dinheiro. Ilustrada pela arte dinâmica de Kirby, Steve Ditko, Don Heck e outros que completaram a prosa colorida de Lee, o novo estilo criou uma revolução que tornou fãs além das crianças os estudantes universitários. A Marvel esteve restrita a poucos títulos que eram distribuídos pela rival National, uma situação que continuaria por toda a década de 1960.

Outras editoras seguiram a nova vertente como a American Comics Group (ACG), a pequena Charlton, lar inicial de muitos profissionais conhecidos como Dick Giordano; Dell; Gold Key; Harvey Comics (famosa pelos personagens da turma do Gasparzinho) e Tower.

### **Quadrinhos Underground**

No final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 houve a popularização dos chamados quadrinhos underground. Lançado em publicações independentes e fora do circuito das grandes editoras, era um reflexo da contracultura da época. Os personagens eram desajustados, irreverentes, como tinham sido nos primeiros quadrinhos. Um marco foi a publicação de Robert Crumb chamada *Zap Comix #1* em 1968, que teve como antecedentes os quadrinhos pornográficos apelidados de "Tijuana bibles", datados dos anos de 1920 e as *The Adventures of Jesus*, de Frank Stack, publicada em 1962.

Apesar de muitos dos artistas continuarem com seu trabalho, o underground como movimento quadrinístico teria terminado no final dos anos de 1980, sendo substituído por quadrinhos alternativos e os orientados para o público adulto.

### **Era de Bronze dos Quadrinhos**

A revista Wizard usou a expressão "Era de Bronze" em 1995 para identificar a Era do Horror Contemporâneo. Já historiadores e fãs chamam de "Era de Bronze" para descrever o período dos quadrinhos americanos no qual houve mudanças significativas a partir dos anos de 1970. Ao contrário da transição Era de Ouro/Era de Prata, a Era de Bronze apareceu sem que as revistas tivessem interrompida a continuidade; contudo, nenhuma revista entrou na Era de Bronze ao mesmo tempo.

Mudanças que são costumeiramente citadas como marcos da transição entre a Era de Prata e a Era de Bronze são: a) retirada de criadores populares, como a aposentadoria de Mort Weisinger, editor das histórias do Superman, e a mudança de Jack Kirby para a DC; b) uma explosão de heróis sem poderes ou anti-heróis como Conan, Tumba de Drácula, Kamandi, Monstro do Pântano, Homem-Coisa e Motoqueiro Fantasma; c) quadrinhos que introduziram temáticas sociais como o abuso das drogas em Homem-Aranha e Lanterna Verde/Arqueiro Verde; d) a atualização do Comics Code Authority em 1971 — após o desafio de Stan Lee ao código com a publicação de uma história sobre traficantes de drogas; e) reconfiguração de muitos personagens populares, como um "obscuro" Batman que se aproximaria da concepção original dos anos de 1930, várias mudanças em Superman tais como o desaparecimento da Kryptonita e a perda temporária dos poderes da Mulher Maravilha; e f) a morte de personagens importantes como a namorada do Homem-Aranha (Gwen Stacy), a Patrulha do Destino e vários membros da Legião dos Super-Heróis.

### **A Era Moderna**

O desenvolvimento de um novo sistema de distribuição nos anos de 1970 e as livrarias especializadas e frequentada por colecionadores coincidiu com o aparecimento de revistas com histórias especiais. Os quadrinhos em continuidade tiveram um aumento de complexidade, exigindo que os leitores gastassem em mais revistas para chegarem ao final da história. O preço das revistas subiu bastante, havendo inclusive falta de papel nos Estados Unidos.

Em meados dos anos de 1980, duas minisséries publicadas pela DC Comics, Batman: The Dark Knight Returns e Watchmen, causaram um profundo impacto na indústria de quadrinhos americana. A popularidade e as atenções da mídia principal que angariaram, combinadas com as mudanças sociais, provocaram uma alteração de temas que se tornaram mais maduros e obscuros. A crescente popularidade dos anti-heróis como

Justiceiro e Wolverine foram de encontro ao que se produzia de forma independente, como os quadrinhos niilistas e obscuros da First Comics, Dark Horse Comics (fundadas nos anos de 1990) e Image Comics. A DC seguiu a onda com a publicação de "A Death in the Family", a história em que o Coringa assassina brutalmente Robin. A Marvel conseguiu se manter com os vários títulos dos X-Men, com histórias que abordavam genocídio dos mutantes e alegorias sobre religião e perseguição étnica.

Nos anos de 2000, a onda já tinha se exaurido e apesar da Marvel e DC ainda lançarem as histórias especiais, as revistas deixaram de ser consumidas em massa como nas décadas passadas. Apesar das publicações terem decaído, o licenciamento dos personagens para novos mercados como os dos jogos eletrônicos e os filmes de cinema perpetuaram a imagem dos mesmos no público em geral. Continuaram as histórias especiais promovidas como grandes eventos, como a do casamento do Homem-Aranha (com Mary Jane), a morte do Superman e a morte do Capitão América, com ampla cobertura da imprensa.

### **No Brasil**

As histórias em quadrinhos começaram no Brasil no século XIX, adotando um estilo satírico conhecido como cartuns, charges ou caricaturas e que depois se estabeleceria com as populares tiras. A publicação de revistas próprias de histórias em quadrinhos no Brasil começou no início do século XX. Mas, apesar do país contar com grandes artistas durante a história, a influência estrangeira sempre foi muito grande nessa área, com o mercado editorial dominado pelas publicações de quadrinhos americanos, europeus e japoneses. Atualmente, o estilo comics dos super-heróis americanos é o predominante, mas vem perdendo espaço para uma expansão muito rápida dos quadrinhos japoneses (conhecidos como Mangá). Artistas brasileiros têm trabalhado com ambos os estilos. No caso dos comics alguns já conquistaram fama internacional (como Roger Cruz que desenhou X-Men e Mike Deodato que desenhou Thor, Mulher Maravilha e outros).

A única vertente dos quadrinhos da qual se pode dizer que desenvolveu-se um conjunto de características profundamente nacional é a tira. Apesar de não ser originária do Brasil, no país ela desenvolveu características diferenciadas. Sob a influência da rebeldia contra a ditadura durante os anos 1960 e mais tarde de grandes nomes dos quadrinhos underground nos 80 (muitos dos quais ainda em atividade), a tira brasileira ganhou uma personalidade muito mais "ácida" e menos comportada do que a americana.

Os quadrinhos no Brasil possuem uma longa história, que remonta ao século XIX. Como charge, circulou o primeiro desenho em 1837, vendida em separado como uma litografia, de autoria de Manuel de Araújo Porto-alegre. Esse autor depois criaria uma revista de humor político em 1844. Angelo Agostini continuou a tradição de introduzir desenhos com temas de sátira política e social nas publicações jornalísticas e populares brasileiras. Entre seus personagens populares desenhados como protagonistas de histórias em quadrinhos propriamente ditas estavam o "Zé Caipora" e Nhô-Quin" (1869). Em 1905 surgiu a revista O Tico Tico, considerada a primeira revista de quadrinhos do Brasil, com trabalhos de artistas nacionais como J. Carlos, primeiro brasileiro a desenhar um personagem Disney (Mickey Mouse).

A partir dos anos 1930, houve uma retomada dos quadrinhos nacionais, com os artistas brasileiros trabalhando sob a influência estrangeira, como a produção de tiras de super-heróis (com a publicação de A Garra Cinzenta em 1937 no suplemento A Gazetinha) e de terror, a partir da década de 1940, com os jornais investindo nos chamados "suplementos juvenis", ideia trazida da imprensa americana (que lançou as sessões de tiras dominicais) por Adolfo Aizen. Em 1939 foi lançada a revista O Gibi, nome que se tornaria sinônimo de revista em quadrinhos no Brasil.

Continuando com a tradição dos cartuns e charges, se destacaria o cartunista Belmonte, criador do Juca Pato. Em 1942 surgiu o Amigo da Onça, célebre personagem que aparecia na revista jornalística O Cruzeiro.

No início dos anos 1950, novos quadrinistas brasileiros que iam aparecendo não conseguiram trabalhar com personagens próprios em função da resistência dos editores. Álvaro de Moya produziu capas de o Pato Donald para a Editora Abril, muitas vezes sem ser creditado. Vários artista brasileiros e estrangeiros passaram a receber os devidos créditos após a criação do site Inducks.

Em 1952, a Editora Abril adotou o formatinho, dimensões menores do que as revistas estrangeiras e que gradualmente se tornou o formato padrão em publicações brasileiras de histórias em quadrinhos.

Há ainda o desenho de Gutemberg Monteiro, que foi trabalhar no mercado americano, ilustrando com muito sucesso os quadrinhos de Tom & Jerry. A EBAL de Adolfo Aizen, empenhada em demonstrar o potencial educacional dos quadrinhos (que nessa época estavam sob críticas moralistas, principalmente nos Estados Unidos), contratou alguns



artistas para desenharem matéria cultural como adaptações de obras literárias e episódios da história do Brasil na revista Edição Maravilhosa. Há ainda o desenho de Gutemberg Monteiro, que foi trabalhar no mercado americano, ilustrando com muito sucesso os quadrinhos de Tom & Jerry. No gênero do faroeste/cangaço apareceu Milton Ribeiro, O Cangaceiro (inspirado no ator do filme O Cangaceiro) de Gedeone Malagola e a revista do Jerônimo, o Herói do Sertão, publicada pela RGE em 1957, desenhada por Edmundo Rodrigues e que foi baseada em uma novela de rádio.

Nos anos 1950, surgiram também os primeiros trabalhos independentes de Carlos Zéfiro, autor dos catecismos (quadrinhos eróticos).

Foi no formato de tira que estrearam os personagens de Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, no fim de 1959. O cãozinho Bidu foi o primeiro personagem da Turma que, além das tiras de jornal, teve uma revista publicada pela Editora Continental. A Turma da Mônica começou a ser publicada pela Editora Abril em 1970, depois em (1987) pela Editora Globo e a partir de 2007 pela Editora Panini. Recentemente foi lançado Turma da Mônica Jovem - versão adolescente da Turma em estilo mangá.

Em 1960 foi vencida a resistência dos editores e surgiu uma revista em quadrinhos com personagens e temas brasileiros. Foi A Turma do Pererê com texto e ilustrações de Ziraldo (mesmo autor de O Menino Maluquinho). O personagem principal era um saci e não raro suas aventuras tinham um fundo ecológico ou educacional. O cartunista Henfil continuou com a tradição da "tira" com seus personagens contestadores Graúna e Os Fradinhos.

Os quadrinhos de super-heróis tiveram vários personagens brasileiros lançados em revista nessa época: Capitão 7 (mistura de Flash Gordon com Super-Homem), Escorpião (cópia do O Fantasma), Raio Negro de Gedeone Malagola, (baseado no Lanterna Verde da Era de Prata), Targo, (cópia de Tarzan). No estilo policial foi criado o "O Anjo", desenhado por Flávio Colin (citado como o melhor desenhista brasileiro) que originou o filme O Escorpião Escarlate. No faroeste apareceu a tira do gaúcho Fidêncio, de Júlio Shimamoto e a adaptação de Juvêncio, o justiceiro do sertão pela Editora Prelúdio, além dos quadrinistas de horror, que trabalharam nas revistas da Editora La Selva.

Com o golpe militar houve uma nova onda de moralismo que bateu de frente com os quadrinhos. Em compensação, esse movimento inspirou publicações jornalísticas cheias

de charges como O Pasquim que, embora perseguido pela censura, criticavam a ditadura incansavelmente.

A Editora EDREL (Editora de Revistas e Livro) fundada por Minami Keizi em 1967, foi pioneira no estilo mangá no país, isso quando ainda não havia se tornado febre. Ilustradores como o próprio Keizi e Claudio Seto desenhavam nesse estilo. Na época causou estranheza e, por isso, os padrões norte-americanos e/ou europeu continuaram a ser seguidos pela maioria dos artistas nacionais.

Os quadrinhos terror fizeram bastante sucesso no país, entretanto, sua produção nos Estados Unidos foi interrompida por conta do Comics Code Authority,[6] um conjunto de regras e normas que implantaram a censura em quadrinho em meados da década de 1950, a solução adotada pela editoras foi a criação de histórias brasleiras de terror, nesse contexto, autores como o italiano Eugênio Colonnese (criador de Mirza, a mulher vampiro) e o argentino Rodolfo Zalla (criador de Nádia, a filha de Drácula), Julio Shimamoto, Gedeone Malagola, Nico Rosso entre outros foram bastante ativos no gênero.

Zalla e Colonnese fundaram na década de 1960, o Estúdio D-Arte, em 1981 o Estúdio virou uma editora e foi responsável pela publicação das revistas Calafrio e Mestres do Terror.

No final de 1969, a EBAL, por conta do cancelamento da Revista do Mestre Judoca (personagens da Charlton Comics nos EUA), encomenda a Pedro Anísio e Eduardo Baron um novo herói nacional: o artista marcial mascarado Judoka. Considerado o principal super-herói brasileiro até então (ele apareceu em um filme de 1973 estrelado por Pedro Aguinaga e Elisângela).

Maurício de Sousa em 2003 durante a abertura da exposição "História em Quadrões". Na gravura da reprodução de "Lição de Anatomia", de Rembrandt, aparecem seus principais personagens.

No início dos anos 1970 os quadrinhos infantis no país predominaram, com o início da publicação das revistas de Maurício de Sousa e a montagem pela Editora Abril de um estúdio artístico, dando oportunidade a que vários quadrinistas começassem a atuar profissionalmente, produzindo principalmente histórias do Zé Carioca e de vários personagens Disney, mas também trabalhando com todos os personagens que a editora adquirira os direitos, como os da Hanna-Barbera. Artistas brasileiros continuaram a

desenhar histórias de personagens infanto-juvenis estrangeiros, como os contratados pela RGE para darem continuidade à produção de histórias e capas das revistas de sucesso do O Fantasma, Cavaleiro Negro, Flecha Ligeira, Recruta Zero e Mandrake. Assim como os artistas da RGE, Gedeone Malagola escreveu roteiros para personagens como os X-Men, Homem Mosca, Tor, He-Man. Pelas suas contas teria escrito 1500 roteiros, a maioria não creditado.

Os motivos da criação dessas histórias são: 1) As revistas em quadrinhos brasileiras costumavam ter mais páginas que um comic book tradicional de 22 páginas. Isso é uma herança dos suplementos de quadrinhos e das antologias publicadas nos EUA; 2) Personagens cujas revistas foram canceladas no exterior fizeram relativo sucesso no país.

A prática de se criarem histórias de artistas brasileiros usando personagens estrangeiros é observada desde O Tico Tico. Buster Brown ou (Chiquinho no Brasil) de Richard Felton Outcault foi o primeiro personagem estrangeiro escrito e desenhado por brasileiros.

Vale mencionar a tentativa da Editora Abril em abrir espaço para personagens e autores brasileiros, com o lançamento da Revista Crás! (1974-1975), que trazia alguns personagens satíricos como o Satanésio (de Ruy Perotti) e o Kaktus Kid (de Canini, conhecido desenhista brasileiro do Zé Carioca).

Nos anos 1970, começou a circular no Brasil a revista MAD em português, que além do material original, trazia trabalhos de artistas nacionais, com destaque para o do editor Ota. O sucesso desse lançamento, também fez surgirem revistas similares, como Pancada (da Abril) e Crazy (da Bloch Editores). Aproveitando a onda do western spaghetti foram criados Johnny Pecos, Chet, Chacal, Katy Apache dentre outros.

Na linha da crítica política e social apareceu a revista Balão, de autoria de Laerte e Luiz Gê e publicada por alunos da USP mas com curta duração de dez números. Além da dupla de criadores, a revista revelou vários autores igualmente consagrados nacionalmente até hoje, como os irmãos Paulo e Chico Caruso, Xalberto, Sian e o incrível Guido (ou Gus), entre outros.

Em 1971, as regras do Comics Code se tornaram mais brandas. A Marvel Comics passou a publicar títulos de terror e em meados da década de 1970, a Bloch Editores que na época possuía licença dos Quadrinhos Marvel, resolveu publicar esses títulos no Brasil. Tal como acontecera com os títulos anteriores de terror, essas revistas também deram espaço para a produção local.

Em 1976 a Editora Grafipar, que inicialmente publicou livros, resolveu entrar no mercado de quadrinhos. Em 1978, Claudio Seto montou um Núcleo de Quadrinhos na editora,[52] que teve nomes como Mozart Couto, Watson Portela, Rodval Matias, Ataíde Braz, Sebastião Seabra, Franco de Rosa, Flávio Colin, Júlio Shimamoto, Gedeone Malagola, entre outros.

Nessa década se consolidou o trabalho artístico de vários quadrinistas brasileiros, tais como Angeli, Glauco e Laerte, que vieram ajudar a estabelecer os quadrinhos underground no Brasil (aliás, alguns denominam de "overground", porque vendidos em banca; "underground" seriam "O Balão" e outras dos anos setenta, vendidas de mão em mão).

Outros rotularam esta turma como representantes do "pós-underground". Eles desenharam para a Circo Editorial em revistas como Circo e Chiclete com Banana. Os três cartunistas produziram em conjunto as aventuras de Los Três Amigos (sátira western com temáticas brasileiras) e separados renderam personagens como Rê Bordosa, Geraldão e Overman e Piratas do Tietê. Mais tarde juntou-se a "Los Três Amigos" o quadrinista gaúcho Adão Iturrugarai. Mesmo com o falecimento de Glauco, a Folha de São Paulo publica tiras e cartuns dos quatro e foram lançados álbuns deles por diversas editoras (mas principalmente pela Devir Livraria). Outro quadrinista de sucesso na época e que continuou na década seguinte é Miguel Paiva, criador dos personagens "Radical Chic", "Gatão de Meia Idade" e desenhista das tiras do detetive "Ed Mort", famosos por também terem sido adaptados para televisão, teatro e cinema.

A Folha também publica tiras de Caco Galhardo (Pescoçudos) e Fernando Gonsales (Níquel Náusea). Nesse período, muitas publicações independentes (fanzines) começaram a circular, aproveitando o boom das HQs no país em meados dos anos 1980 causado pelo sucesso da importação da produção internacional do material inovador que dera forma a chamada Era de Bronze dos quadrinhos. Uma dessas publicações de grande sucesso foi o fanzine SAGA, que inovou na época, ao trazer impressão profissional e capas coloridas, coisa totalmente incomum para um fanzine que via de regra são feitos em copiadoras comuns. Seus membros continuam ativos, como Alexandre Jurkevicius e seu personagem Peralta, A. Librandi atua na área de promoção e Walter Junior continua ilustrando. Nessa época também foram publicadas as aventuras de Leão Negro, de Cynthia e Ofeliano de Almeida, divididas em tiras do jornal O Globo, um álbum publicado no Brasil e em Portugal e revistas e fanzines especializados.

Na década de 1990, a História em Quadrinhos no Brasil ganhou impulso com a realização da 1ª e 2ª Bienal de Quadrinhos do Rio de Janeiro em 1991 e 1993, e a 3ª em 1997 em Belo Horizonte. Estes eventos, realizado em grande número dos centros culturais da cidade, em cada versão contou com público de algumas dezenas de milhares de pessoas, com a presença de inúmeros quadrinistas internacionais e praticamente todos os grandes nomes nacionais, exposições cenografadas, debates, filmes, cursos, RPG e todos os tipos de atividades.

Em 1995, a Editora Abril Jovem, sob a direção editorial de Elizabeth Del Fiore, assina contrato com os ilustradores Jóta e Sany, autores do gibi Turma do Barulho, cujo universo, diagramação e o design das personagens, inovavam em relação aos outros personagens da época. Através de uma linguagem irreverente, Toby, Babi, Milu, Kid Bestão, Bobi, entre outros, viviam aventuras dentro de um ambiente escolar longe de ser politicamente correto, onde os roteiros eram desenvolvidos a partir da idéia O humor pelo humor. O gibi Turma do Barulho foi um dos lançamentos que mais permaneceu no mercado naquele período, sendo publicado pela Abril Jovem e logo em seguida pela Press Editora.

Nessa época também apareceu uma nova geração de quadrinistas que foram contratados para trabalhar com as grandes editoras americanas de super-heróis, Marvel e DC Comics: Mike Deodato e Luke Ross, dentre outros.

Apesar de continuar o lançamento de diversas revistas voltadas estritamente para a HQ nacional, como "Bundas" (já extinta), "Outra Coisa" (com informações sobre arte independente) e "Caô", pode-se considerar que o gênero ainda não conseguiu se firmar no Brasil.

Graças ao sucesso de Os Cavaleiros do Zodíaco e outros animes na TV aberta começam a surgir novas revistas inspiradas na estética mangás como adaptações dos oficiais video games da Capcom Street Fighter escrita por Marcelo Cassaro, Alexandre Nagado e Rodrigo de Góes, pela Editora Escala e Megaman pela Editora Magnum, que teve a participação de artistas como Daniel HDR, Eduardo Francisco e Érica Awano (onde os dois último fizeram sua estreia no mercado editorial), e fanzines.

Entre 1997 e 1998 Marcelo Cassaro consegue licença para lançar adaptações de Street Fighter Zero 3, Mortal Kombat 4 e lança suas HQs autorais Holy Avenger, U.F.O. Team.

No fim da década de 1990 e começo do século XXI, surgiram na internet diversas histórias em quadrinhos brasileiras, ganhando destaque a webcomics dos Combo Rangers, criados por Fábio Yabu e que tiveram três fases na internet (Combo Rangers, Combo Rangers Zero e Combo Rangers Revolution, que ficou incompleta), uma minissérie impressa e vendida nas bancas (Combo Rangers Revolution, Editora JBC, 2000, 3 edições) e que ganhou, posteriormente, uma revista mensal pela mesma JBC (12 edições, agosto de 2001 a julho de 2002) e continuada pela Panini Comics (10 edições, janeiro de 2003 a fevereiro de 2004) e os Amigos da Net, criado por Lipe Diaz e Gabriela Santos Mendes, premiados pela Expocom e veiculados pelos portais Ibest e Globo.com.

Editoras como Escala lançam antologias de mangá inspirado em revistas japonesas, publicando material inédito e de veteranos como Claudio Seto, Mozart Couto e Watson Portela

Em 2000, Marcelo Cassaro publicou pela Trama a revista Victory, que chegou a ter capa desenhada por Roger Cruz. Em 2003 chegou a ser publicada nos EUA pela Image Comics.

Em 2001, a Editora Abril fecha seu Estúdio Disney e deixa de produzir histórias no Brasil e passa publicar quadrinhos inéditos dos EUA e da Itália e reedições de histórias de produzidas no país.

Em 2002, o personagem infantil Pequeno Ninja é publicado pela Editora Cristal em estilo mangá. Em 2007, o personagem voltou a estilo infantil agora publicado pela On Line Editora.

Em 2003, a Coleção Cabeça Oca, do goiano Christie Queiroz foi lançada (já são 8 volumes publicados). A série de tiras do personagem impulsionou novas publicações do setor como Ozzy, de Angeli. Em Dezembro de 2003, a Noblet lança a revista de terror Arrepio: quadrinhos aterrorizantes de Paulo Hamasaki. Hamasaki foi o primeiro diretor de arte dos Estúdios Mauricio de Sousa.

Entre 2003 e 2005, Marcelo Cassaro lança pela Mythos Dungeon Crawler, desenhada por Daniel HDR e republicações de Holy Avenger, sob o título de Holy Avenger Reloaded. O fanzine mangá Ethora é publicado oficialmente em 2004 pela Editora Talismã (antiga Trama) como Ethora especial e 2005 pela Kanetsu Press.

Em Abril 2004, o quadrinista catarinense Samicler Gonçalves lança por sua própria editora o super-herói Cometa, a revista do herói possui periodicidade errática. Em 2004, a Editora CLUQ lança o primeiro álbum da série/saga/nordestina: Cangaceiros - Homens de Couro, do autor Wilson Vieira, com capa de Mozart Couto e desenhos de Eugênio Colonnese.

Em 2005, a Editora Noblet lança outra revista do quadrinista Paulo Hamasaki, Cavaleiro do Oeste. A Noblet era uma das editoras especializada em faroeste nos anos 70 quando foram publicados títulos de Carabina Slim, Giddap Joe, Tex-Tone e histórias de Fidêncio, o Gaucho. Apesar do esforço, a revista só teve uma edição. A ND Editora resolve investir no gênero super-herói e lança em Abril do mesmo ano os Guerreiros da Tempestade

Em novembro de 2006, a ND Editora anuncia que os Guerreiros da Tempestade ganhariam um filme de animação produzido pela Diler & Associados. Em 2006, a Nomad Editora, faz o lançamento do álbum Western, Gringo - O Escolhido, do autor Wilson Vieira, com capa de Renato Guedes e desenhos de Aloísio de Castro.

Em 2007, a Panini Comics passa a publicar títulos da Turma da Mônica (anteriormente lançados pela Editora Globo).

Em 2008, a Turma da Mônica ganha uma versão adolescente em estilo mangá: Turma da Mônica Jovem pela Panini Comics. No mesmo ano, a Editora Globo resolve se retirar do mercado de quadrinhos, As Organizações Globo publicavam quadrinhos desde de 1937, ano do lançamento de O Globo Juvenil.

Em 2009 é a vez de Luluzinha ganhar uma versão "mangá" com o título Luluzinha Teen pela Pixel Media (selo da Ediouro). Uma nova revista dos Guerreiros da Tempestade foi lançada na XIV Bienal do Livro do Rio de Janeiro em setembro 2009.

Em março de 2010, a Editora Escala lança a revista Didi & Lili - Geração Mangá com versões mangá do personagem do humorista Renato Aragão e sua filha Lívian Aragão. e a Editora As Américas lança uma nova série de faroeste, Apache de Tony Fernandes (um dos criadores do Pequeno Ninja), outro título de faroeste foi lançado pela editora Independente Ink Blood Comics, trata-se de uma nova revista de Chet, criação dos irmãos Wilde e Watson Portela publicado entre meados da década de 1970 e início da década de 1980. Ainda em 2010 são lançados dois álbuns de quadrinhos inspirados no cangaço, Bando de dois de Danilo Beyruth lançado pela Zarabatana Books e O Cabra de Flávio Luiz.